

CRISTINA ROBALO CORDEIRO
COORDENAÇÃO

TOLOGIA

FRANCOFONIAS EM DIÁLOGO

Dos anos 80
à atualidade

iu

O FIM DO AMOR¹

Eva Illouz

Conhecida como a socióloga das emoções, Eva Illouz dedica-se, há mais de vinte anos, ao estudo das consequências do capitalismo nas relações amorosas. Publicou mais de uma dezena de livros, amplamente traduzidos, de que se destaca *Les sentiments du capitalisme* (Seuil, 2006), *Pourquoi l'amour fait mal* (Seuil, 2012), *Hard romance cinquante nuances de Grey et nous* (Seuil, 2014). O seu mais recente título, *La Fin de l'Amour*, publicado nas Éditions du Seuil, em 2020, debruça-se sobre o “não-amor”, analisando hábitos e práticas da intimidade contemporânea que descreve como “socialidades negativas”, porque sustentadas em laços facilmente quebrados. Franco-israelita, Eva Illouz é Professora da Escola de Estudos Superiores em Ciências Sociais (EHESS) de Paris e da Hebrew University of Jerusalem e escreve para os jornais *Le Monde*, *Le Nouvel Observateur*, *Ha'aretz*, *Der Spiegel* e *Die Zeit*. Em 2018, recebeu a Legião de Honra francesa pelos seus feitos académicos.

¹ Eva Illouz (2020). “Le non-amour. Introduction à une sociologie du choix négatif”, in *La Fin de l'Amour. Enquête sur un désarroi contemporain*. Paris: Seuil, pp. 11-15.

A cultura ocidental tem amplamente representado a irrupção milagrosa do amor na vida de homens e mulheres, o momento mítico em que sabemos que alguém nos está destinado, a antecipação febril de um telefonema ou de um e-mail, a comoção que nos assoma apenas por pensarmos naquele ou naquela que amamos. Estar apaixonado é tornar-se um discípulo de Platão, é ver numa pessoa a manifestação de uma Ideia plena e perfeita². São inúmeros os romances, poemas e filmes que nos ensinam essa arte de nos tornarmos discípulos de Platão e de amar a perfeição manifestada pelo ser por quem estamos apaixonados. Contudo, esta cultura, que tanto tem a dizer sobre o amor, é muito menos prolixa quando se trata de evocar o não menos misterioso momento em que evitamos apaixonar-nos, em que deixamos de amar, em que nos tornamos indiferentes à pessoa que nos impedia de dormir durante a noite, em que começamos a fugir daqueles que tanto nos encantavam alguns meses antes, ou algumas horas antes. Este silêncio é surpreendente, tanto mais que o número de relações que terminam pouco depois de começarem ou num determinado momento da sua história é impressionante.

Talvez a nossa cultura não saiba representar ou pensar esta questão porque vivemos através de histórias e enredos dramáticos, e o “não-amor” (unloving) carece de uma estrutura narrativa clara. Na maioria das vezes, ocorre sem um episódio inaugural ou uma revelação; algumas relações terminam ou desvanecem-se antes mesmo de terem começado ou pouco depois, enquanto outras terminam numa morte lenta e inexplicável³. No entanto, há muito para dizer, do pon-

² Para uma análise aprofundada da teoria das formas de Platão, veja-se Russell M. Dancy, *Plato's Introduction of Forms*, Cambridge, Cambridge University Press, 2004; Gail Fine, *Plato on Knowledge and Forms : Selected Essays*, Oxford, Oxford University Press, 2003.

³ Este parágrafo foi retirado do meu artigo sobre o não-amor, “The Thrill is Gone: Why Do We Fall Out of Love”, Haaretz, 7 setembro 2013, <https://www.haaretz.com/premiumwhy-do-we-fall-out-of-love-1.5329206>, consultado a 13 de fevereiro de 2018.

to de vista sociológico, sobre o “não-amor”, dado que representa o novo modo como os laços sociais se desfazem, um facto que, desde *Le Suicide* de Emile Durkheim⁴, deve sem dúvida ser considerado o tema central da investigação sociológica. Contudo, na nossa modernidade interconectada, a anomia – definida como a rutura dos laços sociais e da solidariedade social – assume outras formas que não a alienação ou a solidão. A destruição dos laços de proximidade e intimidade (potenciais ou reais) parece, pelo contrário, estar estreitamente relacionada com a ascensão das redes sociais, reais ou virtuais, a tecnologia, e um formidável dispositivo económico de apoios e conselhos dos mais variados tipos – psicólogos de várias escolas, apresentadores de *talk-shows*, a indústria da pornografia e dos brinquedos sexuais, a indústria da saúde e do bem-estar, centros comerciais e outros locais de consumo – que alimentam um permanente processo de criação e destruição dos laços sociais. Embora a sociologia tenha tradicionalmente apresentado a anomia como uma consequência do isolamento e da ausência de integração numa comunidade ou religião⁵, deve agora ter em conta uma propriedade que é certamente mais difícil de apreender, mas específica da nossa modernidade hiperligada: a instabilidade dos laços sociais, através e apesar da intensa utilização de redes sociais, da tecnologia e do consumo. Este livro estuda as condições culturais e sociais que estiveram na origem de uma característica das relações sexuais e amorosas

⁴ Émile Durkheim, *Le Suicide. Étude de sociologie* [1897], Paris, PUF, 2002.

⁵ Wendell Bell, “Anomie, Social Isolation, and the Class Structure”, *Sociometry*, 20, nº 2, 1957, pp. 105-116; Émile Durkheim, *Le Suicide*, op. cit.; Claude S. Fischer, “On Urban Alienations and Anomie: Powerlessness and Social Isolation”, *American Sociological Review*, 38, nº 3, 1973, pp. 311-326; Robert D. Putnam, *Bowling Alone: The Collapse and Revival of American Community*, New York, Simon & Schuster, 2001 ; Frank Louis Rusciano, “Surfing Alone: The Relationships Among Internet Communities, Public Opinion, Anomie, and Civic Participation”, *Studies in Sociology of Science*, 5, nº 3, 2014, pp. 1-8; Melvin Seeman, “On the Meaning of Alienation”, *American Sociological Review*, 24, nº 6, 1959, pp. 783-791; Bryan Turner, “Social Capital, Inequality and Health: The Durkheimian Revival”, *Social Theory & Health*, 1, nº 1, 2003, pp. 4-20.

considerada habitual hoje em dia: o facto de elas quase inevitavelmente terminarem. O “não-amor” é de facto um terreno privilegiado para compreender como se está a criar, no cruzamento do capitalismo, da sexualidade, das relações entre os sexos e da tecnologia, uma nova forma de (não-) sociabilidade. (...)

Contudo, como mostrarei neste livro, a incerteza afetiva que predomina nos domínios do amor, do romance e do sexo é, de um ponto de vista sociológico, uma consequência direta da forma como o mercado de consumo, a indústria terapêutica e a tecnologia da Internet têm sido assimiladas pela ideologia da escolha individual, e isso acontece precisamente no momento em que a escolha individual se tornou o enquadramento cultural predominante no que diz respeito à liberdade pessoal. A incerteza que afeta as relações atuais é um fenómeno sociológico: nem sempre existiu, pelo menos com esta intensidade; não era generalizada, pelo menos com esta intensidade; não tinha, para os homens e para as mulheres, o conteúdo que tem hoje; e certamente não atraía a atenção de tantos especialistas e de disciplinas tão variadas. O carácter desconcertante, enigmático e complexo de tantas relações, que cauciona a abordagem psicológica, é na realidade apenas a consequência daquilo que se poderia designar uma “incerteza” generalizada das relações. Se tantas vidas modernas experienciam tal incerteza, isso deve-se menos à universalidade de um inconsciente em conflito consigo mesmo do que à globalização das condições de vida.

Este livro constitui uma nova etapa de uma investigação em curso nos últimos vinte anos sobre a transformação da nossa vida afetiva e amorosa devido ao capitalismo e à cultura da modernidade. (...)

A investigação que levo a cabo há vários anos sobre a vida emocional e o capitalismo conclui com a questão suscitada pela filosofia liberal desde o século XIX: a liberdade compromete a possibilidade de forjar laços fortes e contratuais e, mais especificamente, laços amorosos? Na sua formulação geral, esta questão tem sido levantada

insistentemente nos últimos duzentos anos, no contexto do fim da comunidade e do crescimento exponencial das relações de mercado⁶. Mas foi muito menos confrontada com o domínio das emoções, embora a liberdade emocional tenha profundamente redefinido a natureza da subjetividade e da intersubjetividade, e não seja menos central para a modernidade do que outras formas de liberdade. Tão pouco é menos desprovida de ambiguidades e aporias.

TRADUÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE

DOMINIQUE FARIA

Universidade dos Açores

⁶ Milton Friedman, *Capitalisme et Liberté* [1962], traduzido do inglês por Antoine Maurice Charno, Paris, Flammarion, 2016; Friedrich A. Hayek, *La Route de la servitude* [1944], traduzido do inglês por Georges Blumberg, Paris, PUF, 2013; Karl Polanyi, *La Grande Transformation. Aux origines politiques et économiques de notre temps* [1944], traduzido do inglês por Catherine Malamoud et Maurice Angeno, Paris, Gallimard, 1983.